



Guia de Druidismo

BRENDAN "CATHBAD" MYERS
tradução: Bellouesus Isarnos

PARTE UM
PLANO DE FUNDO

1. Introdução	2
2. Por que Druidismo no séc. XX?	3
3. Quem eram os Druidas?	5
4. Quais são as nações célticas?	11
5. Que outras classes existiam na sociedade céltica?	13
6. Qual é a história do povo céltico?	15
7. Quais são as fontes pelas quais podemos conhecer os Druidas? .	19

1. Introdução

A memória dos Druidas emerge das névoas do tempo e da história para estar conosco novamente.

Esta é a sétima edição de um projeto que tem estado em progresso na internet por vários anos. A cultura céltica, sua música e arte, foram redescobertas pela mídia e pelo povo da Europa e da América do Norte uma vez mais. A popularidade de todas as coisas célticas pode ser vista pelo sucesso de espetáculos de dança, como *Riverdance*, e filmes, como *Coração Valente*, e na multiplicidade de festivais de música céltica que brotaram em todo este continente (a muitos dos quais este autor comparece regularmente).

Este ensaio é para aqueles que estão recentemente explorando a espiritualidade do Druida, do Bardo, dos *Fianna* ou do paganismo céltico. É para aqueles que têm ancestrais célticos ou que desejariam tê-los. É para aqueles que gostam de aprender sobre os antigos celtas, suas crenças e práticas, e têm um desejo de imitá-los de uma forma válida para si mesmos e para este século.

Como nas edições passadas, colocou-se ênfase sobre aquilo que está historicamente comprovado ou que é historicamente plausível por indução a partir de fatos conhecidos. Tenta-se considerar simultaneamente a história e o espírito. Na história, o período que se focaliza é a Idade do Ferro Céltica, de aproximadamente 500 a. C. até a Era Comum.

2. Por que Druidismo no séc. XX?

Há um certo número de boas razões para que povos modernos considerem o Druidismo uma rota espiritual válida e um modo de vida cultural na atualidade. Alguns o veem como uma forma de reconectar-se ou "aterrarem" a si mesmos na história, ou de melhorar sua compreensão de suas origens e ancestrais (se forem de ascendência céltica).

Muitos pensam que a perda das antigas formas de viver, próximas da Terra viva e próximas de nossas tribos, é a responsável pelos problemas sociais e ambientais que hoje enfrentamos, então um retorno aos caminhos antigos seria uma força curadora no mundo, nesta vida e tempo. O Druidismo hoje não é um abandono da tecnologia, nem uma rejeição da sociedade. Não é uma retirada do mundo para um jardim ilusório de delícias onde os problemas não precisam ser enfrentados. Pelo contrário, é uma afirmação de nossas necessidades nesta vida e uma tentativa enérgica para obter poder sobre elas.

Há aqueles que escolhem o Druidismo no lugar de outras religiões ocidentais que são mais aceitas e difundidas, tais como o Cristianismo. Uma exploração do Druidismo é, para muitas pessoas, um renascimento das espiritualidades nativas da Europa Ocidental. Muitos procuram o Asatru para reviver a espiritualidade da Europa Setentrional em grande parte pela mesma razão. Para aqueles que se sentem alienados ou feridos pelo Cristianismo, a espiritualidade céltica é uma alternativa viável e saudável.

Finalmente, existem aqueles que escolheram o Druidismo no lugar de outras formas de neo-paganismo ou de outras religiões importadas de outras partes do mundo, tais como o Hinduísmo e o Budismo. Talvez uma razão para isso seja que o Druidismo é nativo

da Europa. Foi criado e desenvolvido por europeus nos territórios célticos e, embora tenham ocorrido influências de ideias espirituais de culturas da Europa e do Oriente

Próximo, a espiritualidade druídica é única e nativa da Europa. Há também variações especiais do pensamento e da prática druídicas que são peculiares a cada uma das nações célticas. Algumas delas continuam a existir como tradições populares em várias partes da Europa Ocidental e, assim, o renascimento do Druidismo tem, nesse aspecto, certa familiaridade para os europeus e para pessoas de ascendência europeia que outras tradições espirituais podem não ter.

O Druidismo hoje é também matéria de estudo acadêmico. É comum que seja objeto de interesse de arqueólogos, historiadores e estudiosos da mitologia que não se consideram druidas e nem remotamente pagãos. Assim, há uma riqueza de material acadêmico sério disponível a respeito dos Druidas e muitos descobrem o Druidismo por meio dele.

Enquanto não há dúvida de que os padrões de vida e estilos de vida que temos hoje mudaram incrivelmente desde a era dos celtas e inclusive dentro do período de nossas próprias existências, as necessidades humanas de compreensão, comunicação, companheirismo e até mesmo de fortalecimento não mudaram. Para questões a respeito da vida humana, a idade da resposta não influi em sua veracidade. A solução não é mais correta ou mais equivocada por ser nova ou velha. Assim, continuamos a ser iluminados pela história e continuamos a criar história.

3. Quem eram os Druidas?

Na era pré-cristã da cultura céltica, os Druidas eram membros de uma classe profissional em que estava encarnada a vida religiosa e espiritual de sua sociedade. Em sua época, os Druidas ocupavam os papéis de juiz, médico, conselheiro, mago, místico e conhecedor da religião, entre outras funções. Eles eram os filósofos, cientistas, teólogos e intelectuais de sua cultura, e os possuidores da soma dos conhecimentos da sua era.

O nome "Druida" é peculiar ao povo céltico; outras culturas tinham outros nomes para o seu clero e dele esperavam serviços diferentes. Os Druidas não eram um grupo étnico ou cultural por si mesmos, mas parte de uma sociedade maior na qual participavam. Na era pré-cristã da cultura céltica, os Druidas eram os membros de uma classe profissional em sua cultura, as nações célticas da Europa Ocidental e das Ilhas Britânicas.

Os historiadores romanos escreveram os únicos relatos de primeira mão sobre o antigo Druidismo que possuímos. Embora ele sejam geralmente avaliados como *testemunhas hostis*, ficavam muitas vezes impressionados com a sabedoria filosófica dos Druidas e seu domínio do conhecimento matemático, científico e astronômico. O autor romano Diógenes colocou os Druidas entre os mais sábios filósofos do mundo antigo, juntamente com os Magos da Pérsia, os Caldeus (um sacerdócio dos babilônios) e os Gimnosofistas (uma seita hinduísta que precedeu os logues). O autor romano Estrabão registrou como a casta intelectual dos celtas estava dividida em três sub-castas diferentes, cada uma com sua própria especialização:

Entre todas as tribos, falando de modo geral, há três classes de homens tidos em honra especial: os bárdoi, os ouáteis e os druídai. Os bárdoi são

os cantores e poetas; os ouáteis são intérpretes do sacrifício e filósofos naturais, enquanto os druídai, em acréscimo à ciência da natureza, estudam também a filosofia moral.

Nessa nota sobre os Druidas como filósofos da natureza e da ética, quase temos uma concordância universal dos antigos comentadores. Também conhecemos algumas poucas doutrinas druídicas pelos escritores romanos. Seus ensinamentos sobre a ética chegam até nós em pequenos fragmentos e provérbios, aos quais Diógenes Laércio se referiu como enigmas e ditos obscuros. Um deles, que deve ser lembrado e que foi aprendido de cor por muitos Druidas modernos, é o ensinamento de que *os deuses devem ser adorados, o mal não deve ser feito e um comportamento honroso deve ser mantido*. Existem mais referências entre os autores clássicos a respeito da doutrina druídica da imortalidade da alma. Por exemplo, Pompônio Mela registrou:

Um de seus dogmas que chegou ao conhecimento comum, a saber, que as almas são eternas e que há uma outra vida nas regiões infernais e permitiu-se que isso se manifestasse porque torna a multidão mais pronta para a guerra. E é por essa razão também que eles queimam ou sepultam com seus mortos coisas que são apropriadas para eles em vida e que, nos tempos passados, eles até mesmo costumavam adiar o fechamento de negócios e o pagamento de dívidas até sua chegada num outro mundo.

Júlio César confirmou que os Druidas tinham uma crença na imortalidade da alma e que a crença inspirava coragem e até mesmo temeridade no campo de batalha. Ele também acrescentou:

Eles também têm muito conhecimento das estrelas e de seu movimento, do tamanho do mundo e da terra, da filosofia natural e dos poderes e esferas de ação dos deuses imortais, que eles discutem e transmitem a seus jovens estudantes.

Esse último fragmento indica a possibilidade de que os Druidas ensinassem uma tradição de mistério. Informação sobre o tamanho do mundo, física (*filosofia natural*) e os deuses era, no mundo antigo, considerada conhecimento filosófico e cosmológico, ao invés de conhecimento científico, embora incluísse informação sobre o mundo e as operações da natureza obtida através de experimentação e observação científicas. Isso acompanhava ideias sobre as estruturas e poderes maiores do mundo sagrado (*os deuses imortais, o tamanho do mundo, etc.*), que é o tipo de coisa que pode ser obtida através de práticas místicas, como a meditação, sobre a qual é possível que fosse científica, ou, se não científica, então intelectualmente rigorosa, como pode alguém estudar racional e sistematicamente suas próprias experiências espirituais. Que esse conhecimento fosse transmitido de professor a estudante também sugere a presença de uma tradição de mistério, pois, usualmente, é esse o meio de transmitir informação em tradições de mistério espelhadas pelo mundo.

O eminente estudioso Fergus Kelly escreveu que um Druida era *sacerdote, profeta, astrólogo e professor dos filhos dos nobres*. Jean Markale, outro respeitado estudioso, observou que os Druidas estavam divididos nestas especialidades:

- **Sencha:** historiador, compilador de anais
- **Brithem:** juiz, árbitro, embaixador
- **Scelaige:** mantenedor dos mitos e épicos
- **Cainte:** mestre dos cantos, bençãos, invocações, execrações e banimentos mágicos
- **Liaig:** medico que usa plantas, magia e cirurgia

- **Cruitre:** harpista que usa a música como magia, mestre dos "Três Nobres Acordes" da música, a música que invoca o riso, as lágrimas e o sono
- **Deoghbaire:** copeiro que conhece as propriedades das substâncias intoxicantes e alucinógenas
- **Faith:** adivinho
- **Bard:** cantor e poeta popular
- **Fili:** adivinho e poeta sagrado

A fim de tornar-se um Druida, os estudantes reuniam-se em grandes grupos para instrução e treinamento, como registram fontes irlandesas. Um épico irlandês chamado *Táin Bo Cuailnge* descreve o Druida Cathbad ensinando uma centena de estudantes em algo como um colégio. Os aprendizes dos Druidas, na Europa Continental, estudariam por um período de vinte anos. As mitologias descrevem Druidas que eram capazes de muitos poderes mágicos, tais como a adivinhação e a profecia, controle do clima, cura, levitação e mudar suas próprias formas ou a de outras pessoas em animais ou pessoas. Mas um Druida não era, rigorosamente falando, exclusivamente um místico ou um mágico. Ele (ou ela) era sobretudo um importante funcionário público. Suas habilidades divinatórias e visão mágica eram requisitadas para muitas finalidades sociais e políticas essenciais, tais como aconselhar os líderes tribais ao desempenharem atividades diplomáticas, resolver disputas e reivindicações legais e anunciar o começo das estações agrícolas, tais como o plantio, a colheita e a caça. Os Druidas eram responsáveis por oferecer um sistema de justiça e, aparentemente, possuíam muitos dos mesmos poderes de investigação, mediação, resolução de conflitos e até mesmo de pronúncia de sentenças que o Judiciário de hoje possui. Parece também que eram capazes de combater

magicamente a atividade criminosa através, por exemplo, da realização de encantamentos mágicos voltados à recuperação de gado roubado ou à revelação da identidade do ladrão em sonho. Em tempos de guerra, as habilidades mágicas do Druida eram necessárias para informar sobre os planos e movimentos do inimigo, para fortalecer magicamente os guerreiros e também para chamar os poderes do meio ambiente em auxílio da tribo. Por outro lado, um outro texto irlandês afirma que *a derrota contra estranhos, a pacificação de territórios em guerra conferem prestígio a um Druida*. A questão importante aqui é que o status e os poderes de um Druida estão inextricavelmente ligados a uma comunidade humana. Sem dúvida, a posição social de um Druida era tão importante que, em qualquer assembleia, os chefes e reis não poderiam falar até que os Druidas tivessem falado primeiro. Uma boa palavra para eles pareceria ser *sacerdotes*, ainda que eu esteja relutante em usá-la por dois motivos: os romanos nunca a usaram e os Druidas não ministravam para congregações, como fazem os sacerdotes. Ao invés disso, eles tinham uma clientela, como um advogado, um consultor, um místico ou um xamã teriam. César e seus historiadores nunca se referiram a eles como sacerdotes, mas, talvez, eles não pudessem reconhecê-los como sacerdotes, uma vez que o sacerdócio romano, oficiando sobre uma religião essencialmente política, estava primordialmente composto de professores e juizes, com menos ênfase em ser videntes ou adivinhos, enquanto os Druidas pareciam ter poderes e responsabilidades legais e mágicos. A conexão de um Druida com a natureza é a fonte de todos os seus poderes, tanto na sociedade quanto na magia. Pela compreensão dessa conexão, o ser de um Druida é ligado à natureza e, desse modo, ele se torna consciente de tudo que é conhecido pela natureza, o que

é todas as coisas. Um Druida, então, é um tipo de místico da natureza. Para experimentar o Druidismo, desligue o computador e vá para as florestas e escute. As vozes dos velhos Deuses não estão silenciosas. Sua linguagem é o vento que sopra e as ondas do grande mar que flui.

4. Quais são as nações célticas?

As tradicionais nações célticas, onde a civilização céltica alcançou seu ápice e onde uma língua céltica nativa era falada, são **Alba** (Escócia), **Breizh** (Bretanha), **Gália** (abrange a atual França e algumas partes da Alemanha), **Cymru** (Gales), **Éire** (Irlanda), **Galácia** (agora na Turquia), **Kernow** (Cornualha), **Mannin** (Ilha de Man) e **Grã-Bretanha**. Partes do que é agora a Espanha setentrional também receberam tribos célticas e algumas mitologias afirmam que os celtas dessa região colonizaram a Grã-Bretanha e a Irlanda. A cultura céltica era uma sociedade tribal, significando que a unidade social e política básica era a família ampliada e não o indivíduo. Possuíam uma tecnologia da Idade do Ferro no auge de suas realizações e viviam em comunidades agrícolas fixas. O povo céltico migrou das antigas terras indo-europeias para a Europa Oriental, espalhando-se depois para a maior parte da Europa Ocidental. É possível traçar as rotas da migração pelo exame dos artefatos que eles deixaram para trás. Duas classes de artefatos célticos, Hallstatt e La Tène, receberam seus nomes das cidades em que os artefatos de cada período foram descobertos: Hallstatt fica em Salzkammergut, na Áustria, e La Tène fica na Suíça. Os celtas da Galácia, no que agora é a Turquia, foram visitados por Paulo de Tarso por volta de 40 d. C. Sua carta dirigida a eles (*Epístola aos Gálatas*) tem um lugar permanente na Bíblia cristã.

Os celtas da Escócia eram uma combinação de colonizadores irlandeses, chamados escotos, e também de um povo indígena e possivelmente pré-céltico, conhecido como pictos, que tinha uma linhagem real matrilinear (através das mães) e que dominou a Escócia até a união com os escotos de Dalriada por Kenneth Mac Alpine em 843 d. C. Infelizmente, sabe-se muito pouco sobre os pictos. Até mesmo seu nome é a palavra que os romanos usavam

para eles e não o nome que eles usavam para si mesmos. *Picti*, significando *povo pintado*, era sua designação coloquial pelos romanos, porque os guerreiros pictos pintavam-se de azul com um extrato de isátis quando em batalha. Alguns artefatos pictos, sobretudo pedras esculpidas, ainda permanecem, embora seus símbolos já não sejam totalmente compreendidos.

Nos tempos modernos, fortes centros culturais célticos podem ser encontrados em países como o Canadá (Newfoundland e Nova Escócia), nos Estado Unidos da América (algumas partes da Nova Inglaterra), onde se estabeleceram os emigrantes da diáspora irlandesa e escocesa. Uma tribo gaulesa que merece uma menção honrosa é a dos helvécios, que lutaram contra os exércitos de Júlio César em 58 a. C. Seu território fica no que agora é a Suíça e eles vivem nessa nação moderna. O nome oficial da Suíça ainda é *Confoederatio Heluetica* (latim para *Confederação Helvética*).

5. Que outras classes existiam na sociedade céltica?

Outras classes na ordem social céltica incluíam a aristocracia guerreira, guerreiros Fianna sem casta, bardos, *brehons* (jurisconsultos), historiadores e outros profissionais mais especializados, proprietários de terras, trabalhadores livres e trabalhadores não livres. A lei céltica propiciava meios para que qualquer um, incluindo trabalhadores não livres, ascendesse na hierarquia social e determinava quais direitos e responsabilidades atribuíam-se a cada um e qual o tipo de punição dado aos criminosos de acordo com seu status (pois se esperava mais de quem havia tido mais). Um velho provérbio céltico diz: *um homem é melhor que o seu nascimento*.

Os bardos e os *filid* eram os mantenedores primordiais das histórias, genealogias, leis, poesia, música e contos do povo céltico. Seu treinamento era semelhante ao treinamento do Druida e sua posição na sociedade era inferior apenas à do Rei. Esperava-se que um bardo fosse capaz de executar o que se chamava os *três nobres acordes*, que eram música para inspirar o riso, as lágrimas ou o sono. Tinham a garantia de receber uma hospitalidade especial aonde quer que fossem e não ser insultados, entre outros direitos; uma infração desses direitos permitiria que o bardo compusesse um poema satírico que iria manchar a reputação do ofensor ante as gerações futuras.

A classe nobre céltica detinha o poder político e econômico da tribo. A realeza era passada do rei para seu filho, ou (como no caso dos pictos) de um rei para o filho da rainha anterior. Muitas tribos célticas, na verdade, elegiam seu rei (que ocuparia o cargo durante toda a vida) dentre os homens elegíveis cujos ancestrais fossem reis. De interesse para aqueles que estudam o Druidismo é o

conceito de rei sagrado, no qual o rei era ritualmente casado com a Deusa da terra. Às vezes, uma Druidisa (ou, como em um caso registrado em Donegal, na Irlanda, uma égua) representaria temporariamente a Deusa com quem o rei estava casado. Ele tinha de governar com justiça e honra para satisfazer sua esposa imortal, pois, se assim não fizesse, a terra se tornaria inaproveitável e estéril e a prosperidade da tribo iria diminuir, um evento que ocorre com bastante frequência na mitologia. Para agradá-la, o rei tinha de ser completamente saudável e não apresentar defeitos físicos também e foi por isso que o deus Nuada teve de abdicar do trono quando perdeu sua mão em batalha. Esse ritual é evidência de uma doutrina druídica da unidade entre os humanos e a natureza. Um rei sagrado também estaria vinculado a uma *geis* como condição adicional para a prosperidade do seu governo.

6. Qual é a história do povo céltico?

Em geral, os historiadores acreditam que o povo céltico originou-se numa terra nativa comum indo-europeia em algum lugar na Europa Oriental e emigrou para o oeste. A crescente sofisticação, estratificação social, organização política e assim por diante deu lugar, na Europa Central, aos períodos que todos os estudiosos chamam proto-céltico e céltico, ou Hallstatt (800-500 a. C.) e La Tène (500-100 a. C.). A difusão da cultura céltica para as Ilhas Britânicas e para a margem atlântica da Europa ocorreu por volta de 900 a. C. É seguro afirmar que havia especialistas religiosos de algum tipo naquela época, embora a noção de "Druidas" como uma abrangente casta religiosa e intelectual não emergisse senão por volta de 500 a. C. ou pouco depois.

Para correlacionar as datas com outros eventos mundiais, era aproximadamente em 500 a. C. que o Buddha vivia na Índia, Ésquilo e Téspis estavam escrevendo peças na Grécia, Confúcio estava trabalhando para o imperador King-Wang III da China, a República da Sicília estabelecia sua primeira aliança com Roma, Josué era o grande sacerdote da Palestina, Dario I governava o Império Persa, arcontes eleitos anualmente governavam Atenas e Pitágoras estava visitando o Egito.

Há boas evidências de que, por meio de rotas comerciais e da adoção de costumes nativos das áreas que colonizaram, a cultura céltica experimentou muitas mudanças e inovações no correr do tempo. As Ilhas Britânicas podem ter sido visitadas por humanos já no recuo da Idade do Gelo, tornando-se o lar de uma cultura indígena neolítica (Nova Idade da Pedra) que contribuiu muito para o desenvolvimento da cultura céltica no ápice de suas realizações. (O

historiador Colin Renfrew sustentou, por exemplo, que os celtas emergiram de uma cultura neolítica pré-céltica indígena.)

Aqui está uma breve e, certamente, não completa cronologia da história do povo céltico, focalizada no período de tempo que é relevante para este projeto e nas ilhas da Grã-Bretanha e da Irlanda.

Cronologia da História Céltica

até 4000 a. C. --- Mesolítico (Média Idade da Pedra) --- Caçadores e coletores

4000-1800 a. C. --- Neolítico (Nova Idade da Pedra) --- Construção de Maes Howe, Callanish e outros monumentos megalíticos. Surgem os primeiros fazendeiros.

3500 a. C. --- Construção de Newgrange, o maior monumento megalítico da Europa.

1800-1600 a. C. --- Idade do Bronze

1000 a. C. --- Era Cristã - Idade do Ferro

900-500 a. C. --- Hallstatt --- Surgimento dos celtas. Primeiro aparecimento das línguas célticas. c. 500 a. C. --- Os gregos estabelecem uma colônia mercantil em Massália (Marselha) para comerciar com a Gália.

500-15 a. C. --- **La Tène** --- Idade heróica dos celtas. A maior parte dos mitos ocorre nesse período.

c. 450 a. C. --- O povo céltico atinge a Espanha.

c. 400 a. C. --- Os celtas atravessam os Alpes rumo à Itália. Dentro de dez anos, saquearão a própria Roma.

279 a. C. --- Através da macedônia, os celtas invadem a Grécia e saqueiam o templo de Delfos.

270 a. C. --- Os celtas se estabelecem na Galácia, na Ásia Menor.

154 e 125 a. C. --- Os celtas saqueiam Massália. Exércitos romanos levantam o cerco nas duas vezes.

82 a. C. --- Os romanos derrotam os celtas na Itália.

55 e 54 a. C. --- Júlio César tenta invadir a Grã-Bretanha duas vezes.

52 a. C. --- Júlio César derrota o chefe gaulês Vercingetórix em Avaricum e o aprisiona.

43-409 d. C. --- **Período romano-britânico** --- Roma domina a Grã-Bretanha e partes de Gales.

61 d. C. --- A fortaleza druídica de Anglesey é destruída pelos romanos. Boudicca começa sua rebelião.

120 d. C. --- Começa a construção da Muralha de Adriano.

meio do séc. III d. C. --- Os saxões começam a invadir a costa leste da Grã-Bretanha.

meio do séc. IV d. C. --- Cormac Mac Art governa a Irlanda em Tara.

409-600 d. C. --- "Idade das Trevas" britânica --- Afastamento final dos romanos da Grã-Bretanha.

425 d. C. --- Vortigern toma o poder na Grã-Bretanha e refreia temporariamente o avanço dos saxões.

432 d. C. --- Padraig começa sua missão na Irlanda.

c. 450 d. C. --- Invasão anglo-saxã. Refugiados britânicos estabelecem-se na Armórica e na Bretanha, na França.

454 d. C. --- Artorius Roithamus (Arthur) sucede Vortigern.

c. 500 d. C. --- Arthur derrota os saxões em Mount Badon.

c. 500 d. C. --- Formação de Dalriada no sudoeste da Escócia.

c. 537 d. C. --- Arthur é morto na Batalha de Camlann.

563 d. C. --- Columba chega à Ilha de Iona.

663 d. C. --- Idade Média --- Sínodo de Whitby: a Igreja Céltica une-se à igreja da Europa Continental.

c. 790 d. C. --- Começa a colonização e o ataque dos vikings às Ilhas Britânicas.

843 d. C. --- Kenneth Mac Alpine une os escotos de Dalriada e os pictos.

1014 d. C. --- Batalha de Clontarf: os vikings são expulsos da Irlanda por Brian Boru. Retiram-se das nações célticas pouco depois.

7. Quais são as fontes pelas quais podemos conhecer os Druidas?

As principais fontes de informação sobre os antigos Druidas são os relatos de historiadores romanos, os dados fornecidos por restos arqueológicos e a literatura mitológica registrada pelos monges entre os sécs. VIII-XII d. C. Também, embora seja uma fonte mais fraca, analogias podem ser estabelecidas entre os celtas e outras culturas indo-europeias semelhantes, tais como o povo hindu. Por exemplo, um poema antigo chamado *O Caldeirão da Poesia* apresenta o que se interpretou como um sistema parecido com os *chakras*, isto é, análogo aos *chakras* do Yoga, com três centros de energia no corpo humano, ao invés de sete. Se a antiga religião céltica tivesse sobrevivido, suspeito que se pareceria com o Hinduísmo moderno, com suas muitas e diferentes formas de expressão. A arqueologia é uma excelente fonte para o estudo da história céltica. Os cientistas descobriram os restos de oferendas votivas aos Deuses no fundo dos lagos, pântanos e em *poços votivos* (um buraco estreito escavado profundamente no chão, onde oferendas são enterradas), que nos contam sobre a religião céltica. Existem também os restos das fortalezas célticas, moradias, templos, joalheria e ferramentas. Esses restos nos falam não dos eventos e do povo céltico na história, mas sobre como era a vida, qual era sua capacidade tecnológica, que comida ingeriam, que ofícios e tipos de comércio praticavam, quais produtos eram fabricados e negociados (o que, por sua vez, conta-nos sobre sua economia) e para onde viajavam e como chegavam lá. Esses fatos sobre a vida social céltica são um elemento importante para a compreensão do Druidismo, pois é necessário entender o todo cultural em que o Druidismo estava situado.

Os historiadores romanos são outra fonte importante, embora escrevessem sobre os celtas a partir de seu próprio ponto de vista. Júlio César, por exemplo, estava no processo de conquista da Gália e, portanto, pode ter escrito uma narrativa altamente preconceituosa. Posidônio estava tentando encaixar os Druidas em sua própria filosofia estoíca. Também existe a tentativa de apresentar os celtas no papel de selvagens sábios, nobres e inocentes, não corrompidos pela civilização e próximos da natureza, como é o caso do escritor Tácito.

Mas, no ponto de vista deste autor, as melhores fontes são os mitos. Ali podemos ler o que os Druidas fizeram, como se comportavam e o que alguns deles disseram e ensinaram. Embora os manuscritos medievais que os preservaram tenham sido escritos e editados por monges cristãos, muito da sabedoria druídica ainda permanece neles. Na Irlanda, os quatro principais ciclos mitológicos são o *Ciclo de Ulster*, o *Ciclo de Fionn*, as *Batalhas das Invasões* e o *Ciclo dos Reis*. Em Gales, os mitos primordiais estão contidos num livro chamado *O Mabinogion*. Neste século, um certo número de coleções de folclore foram feitas com as lendas e orações da tradição oral remanescentes. O famoso *Carmina Gadelica*, uma coleção de preces populares das Hébridas da Escócia, é um exemplo do uso da tradição popular como fonte para o estudo do misticismo céltico. Dois romances, *Gods and Fighting Men* e *Cuchullain of Murthemney*, produzido perto da virada do século, escritos por Lady Augusta Gregory, são excelentes textos de informação para o estudo da espiritualidade céltica, pois integram os textos medievais com o folclore oral disponível na época.

Um dos problemas ao estudar-se o Druidismo academicamente é que os Druidas foram objeto de numerosas

perseguições e conquistas, não somente pelos romanos, mas também por nórdicos, normandos, saxões e cristãos. Muito da sabedoria druídica sofreu a censura, evoluiu para algo irreconhecível ou simplesmente se perdeu. É verdade, no entanto, que os romanos nunca invadiram a Irlanda, de modo que esse país se tornou um refúgio para o conhecimento druídico por algum tempo. Uma pessoa moderna buscando o caminho do Druida deve tentar reconstruir a sabedoria baseada em algumas ou em todas as fontes discutidas acima. Mesmo fazendo isso, descobre-se que, apesar da enorme quantidade de dados culturais presumivelmente perdidos, a disposição verdadeiramente céltica das fontes permanece forte e clara. Também se pode encontrar muito da magia druídica nos escritos de artistas irlandeses e escoceses contemporâneos. O Renascimento Literário Irlandês, com autores como William Butler Yeats, Lady Augusta Gregory e George "A. E." Russell, é uma das expressões literárias do espírito céltico favoritas deste autor.

Aqui está o que alguns dos historiadores romanos tinham a dizer sobre os Druidas:

Diodoro: *[Os Druidas são] filósofos e teólogos... treinados na natureza divina.*

Lucano [dirigindo-se aos Druidas]: *A vós apenas é concedido o conhecimento dos Deuses e dos poderes celestiais – ou isso, ou somente vós não possuís esse conhecimento... Mas nos afirmais que nenhum fantasma busca o domínio silencioso de Érebo, nem as profundezas pálidas do reino de Dis, porém, com um novo corpo, o espírito reina em outro mundo – se compreendemos vossos hinos [isto é, poemas], a morte não é senão o meio do caminho de uma longa vida.*

Amiano: [Os Druidas investigam] *problemas de coisas secretas e sublimes.*

Cícero [falando sobre Diviciáco]: [ele] *afirma ter o conhecimento da natureza que os gregos chamam "physiologia" [ciência natural].*

Júlio César: [eles têm] *muito conhecimento das estrelas e do seu movimento, do tamanho do mundo e da Terra, de filosofia natural [física].*

Hipólito: *Eles podem prever certos eventos segundo os cálculos e cálculos pitagóricos.*

Diógenes Laércio [atribui aos Druidas]: *... enigmas e ditos obscuros, ensinamentos de que os deuses devem ser adorados e o mal não deve ser feito e um comportamento viril deve ser mantido.*

Estrabão: *observa não apenas seu conhecimento prático dos fenômenos da natureza, mas também sua atividade no tocante à "filosofia moral". Ele também escreve que os Druidas ensinam que "as almas dos homens e o universo são indestrutíveis, embora no fim o fogo e a água venham a prevalecer."*

Mela: *As almas são eternas e há uma outra vida nas regiões infernais.*

Essas citações podem ser encontradas em *The Druids*, de Stuart Piggot, pág. 113.

O autor:

Brendan Cathbad Myers é um filósofo e autor canadense conhecido por suas contribuições em filosofia ambiental, Druidismo e Neo-Druidismo, mitologia e ética aplicada às virtudes.